

O bairro (e os bairros) deste livro têm nomes fictícios, mas existências muito reais.

As personagens deste livro têm nomes fictícios, mas vidas reais ou, em alguns casos, são como que uma composição de muitas vidas reais.

Vidas que se vivem entre nós, no meio de nós, muitas vezes cobertas de uma espécie de invisibilidade, que apenas se quebra quando sucede uma tragédia, logo aproveitada por um certo *voyeurismo* oportunista, por parte da comunicação social, para satisfazer esse outro *voyeurismo*, algo mórbido, que parece ser uma marca intemporal das sociedades humanas.

Os crioulos cabo-verdianos de Santiago e Santo Antão, bem como algumas expressões *romani*, utilizados nalguns capítulos, são reais e genuínos.

A história principal deste livro é real na origem e espero que possa ser fictícia no final...

© Sibila Publicações

24 DE ABRIL DE 2019 (QUARTA-FEIRA), 14.15H

— É para a televisão, não é, isso da entrevista? Falo, pois! Então não havia de falar? Deixe-me só ir ali pôr uma bata mais lavadinha, porque eu andava nas limpezas. Sim, que eu tenho muito cuidado com a casa. Pobre, isso sou, mas limpinha que é um gosto! Não é como outras que eu cá sei, que passam os dias pelos cafés e com a casa numa porcaria de meter dó!

Não demoro nada, é ir ali num instantinho ao terceiro andar. Bem, num instantinho é maneira de dizer, que isto os elevadores estão avariados vai para mais de três meses, já nos queixámos às pessoas da Câmara, ou da empresa, ou lá o que é, mais à assistente social e continua tudo na mesma...

E olhe que eu sofro do coração. Tomo doze comprimidos por dia, veja lá, a menina! E, por isso, ainda me é custoso subir estes degraus todos. Mas mal por mal, ainda assim, pior está o meu vizinho de cima, que esse já não tem um pulmão, anda com uma botija de oxigénio e nem pode sair de casa. Uma desgraça, isto de ser pobre! Se eles soubessem...

Descanse que eu não me demoro, mas é que também não quero aparecer assim na televisão, toda desmelenada e com a bata nesta vergonha!

E olhe lá, a que horas é que isto depois passa? É que é para eu avisar a minha comadre e os meus primos lá na terra, ao pé da Sertã, que eles hão-de gostar de me ver na televisão! A mulher do meu primo, essa até se há-de roer de inveja, sempre com aquelas manias de que é superior!

É claro que é triste, a razão da entrevista, mas eu juro-lhe pela saúde dos meus netos, dos meus anjinhos, que este caso estava mesmo a ver-se que ia acabar mal!

Nem podia ser de outra maneira, noite sim, noite não, com uma berraria que ninguém sossegava. E olhe que os gritos e as zaragatas não são coisa a que a gente não esteja acostumada aqui no bairro...

Mas isto era demasiado! Veja a menina que eu já sofro dos nervos, sim, porque eu sofro dos nervos desde muito nova, derivado à situação do meu pai, que quando se embebedava, aquilo era o fim do mundo, e, por isso, tomo medicação para me acalmar há muito tempo. E, mesmo assim, aqui há atrasado, até tive de ir ao Dr. Jorge, que é o médico de família ali do Centro de Saúde, para lhe pedir se ele me dava uns remédios mais fortes, a ver se eu dormia alguma coisa! É que eu não sossegava, com o barulho que havia por ali naquela casa, a toda a hora, sempre com gritos e insultos, numa escandaleira que só visto!

Aquilo já a deviam ter internado, é o que é, mas a assistente social também não quer saber... O que lhe interessa é o ordenadinho no fim do mês e a gente que se governe... Olhe, sabe o que lhe digo? Isto é como em tudo, que quem se lixa é o mexilhão!

E eu que preciso tanto de estar sossegada, porque tenho de tomar conta dos meus netinhos, que são a luz da minha vida, e que passam os dias aqui comigo. Eles, mais a minha filha mais nova, que é a tia deles, e o meu genro, que perdeu o emprego e, por via disso, não têm para onde ir. E olhe, a gente o que é que faz? Remedeia-se. Puxa daqui, estica de acolá, que isto a vida de pobre é mesmo assim! É como as mantas, puxa-se dos pés, destapa-se da cabeça...

De modos que, durante o dia, somos sete aqui em casa: eu mais o meu marido, a minha filha e o meu genro e os meus três netinhos.

À noite, os garotos vão-se embora para casa da mãe, que é a minha outra filha. Veja lá que ela não teve direito à casa da Câmara e paga seiscentos euros de renda! Ora, se ela ganha o salário mínimo e o marido também, diga-me a menina como é que eles se haviam de sustentar, se não fosse eu? Bem, eu e o meu marido, que, com as nossas pensõezitas, e ele com mais uns biscates que ainda vai fazendo aqui e ali, lá os vamos ajudando a todos, sabe Nossa Senhora a quanto custo!

Ai, mas isto de hoje estava-se mesmo a ver que ia acontecer, com a outra a gritar, as portas a bater e a catraia a chorar, aí encolhida na escada, que era uma coisa de dar dó!

E não havia quem a tirasse dali! Eu tentei, a vizinha do lado, a Zulmira, tentou, o Francisco, que é o marido da Engácia, que está entrevadinha e vive no primeiro andar, também tentou, mas qual quê! Não havia quem tirasse dali a miúda, que eu também sempre achei assim um bocadinho para o esquisito! Lá linda é ela, isso não haja dúvidas, mas também não deve ser muito boa da cabeça...

Então, veja a menina que ela passava as noites encolhida, no patamar da escada, até que a doida da mãe, na manhã seguinte, se lembrasse de a deixar entrar em casa!

Enquanto o avô da garota, pai da gorda, viveu cá com elas, as coisas eram melhores, mas depois o desgraçado teve um enfarte, ou uma trombose, ou lá o que foi, teve de ser internado num lar e aí é que descambou tudo. A irmã dela, que até parece uma pessoa decente, e era quem ainda vinha cá, para ajudar, deixou-se disso, porque isto, toda a gente sabe, uma pessoa só pode ajudar quem quer ser ajudado e a paciência também tem limites.

Que foi uma desgraça, lá isso foi, mas não se pode dizer que tenha sido inesperado, isso não pode, porque estava-se mesmo a ver que só podia acabar mal!

Bem, espere lá um bocadinho, que eu vou vestir a bata e passar um pente nos cabelos, e volto para as filmagens e já lhe conto tudo.

Quero dizer... conto-lhe aquilo que sei, e olhe que aqui no bairro, mesmo que a gente não queira, e atenção que eu não sou nenhuma quadrilheira como outras que por aí andam, sabe-se sempre tudo: sabe-se o feito e o por fazer! Porque, como a menina bem vê, isto é pequeno e a gente está aqui muito fechada, até porque aí à volta, nos prédios das pessoas normais, a gente do bairro tem má fama e, por isso, não há misturas.

Eu volto já. Espere lá um bocadinho! E isto passa a que horas? Talvez às oito, no telejornal, não é?

Pronto! É que eu assim já ligo pelo telemóvel, para avisar a minha comadre e os meus primos...

Ai! Isto das varizes é que dá cabo de mim! Sabe lá o que me pesam as pernas, a subir estes andares todos... E os da Câmara querem lá saber. Ainda dizem que somos nós, que somos uns selvagens e que andamos sempre a avariar os elevadores e a dar cabo de tudo!

ABRIL DE 2019

O BAIRRO A QUE CHAMARAM Nascente é como uma ilha. Prédios acinzentados, que foram brancos em tempos. Antenas de televisão a pender dos telhados. Antenas parabólicas enferrujadas a ornamentar as janelas. Um parque infantil com o chão meio-levantado e os baloiços partidos. Um rinque de futebol, cercado de arame e trancado a cadeado. Roupa estendida: calças de fato de treino, camisolas do Benfica, cuecas grandes e tangas de fio-dental, um ou dois fatos-macaco azuis, camisas com estampados tropicais, capulanas. Lojas fechadas.

Homens encostados às arcadas, junto dos dois cafés do bairro. Mulheres em grupos, à conversa, comentando vidas alheias. Crianças, muitas, a jogar à apanhada. Adolescentes apoiados às portas dos prédios: eles com as calças justas e descaídas a deixar ver os *boxers*, elas de cabelo esticado e unhas pontiagudas, pintadas de cores berrantes, com calções muito curtos de modelo subido, que põem em evidência as barrigas demasiado salientes e as ancas demasiado largas. As mãos deles a deslizar até às nádegas delas.

No meio do bairro, pelas traseiras dos prédios, uns terrenos que terão sido de hortas comunitárias, entretanto deitadas abaixo pela Câmara, com a promessa de criar uma estrutura loteada e organizada. Talvez nas próximas autárquicas se lembrem de cumprir a promessa... Agora, são apenas uns terrenos baldios, com mato seco, onde os jovens aproveitam para fumar ganzas à noite.

E à volta da ilha, os outros prédios, em rosa-velho e com entradas de mármore, condomínios fechados, apartamentos equipados com *jacuzzi* e banheiras de hidromassagem, pavimentos flutuantes e suites com casa de banho privativa e roupeiros embutidos. Comprados nos tempos do crédito fácil, hão-de ser pagos em quarenta ou cinquenta anos, por uma classe média que se diz alta, mas que é, apenas, altamente endividada.

De um lado, os apartamentos têm vista para um eixo rodoviário sempre engarrafado. Do outro, têm vista privilegiada para o bairro. E as varandas, amplas, estão decoradas com mobília de jardim...

De qualquer modo, os habitantes do bairro não se incomodam com a potencial devassa da sua vida, a partir das varandas dos prédios circundantes.

Já antes do realojamento, quando ainda estavam nas barracas ou nas casas clandestinas que subiam das Portas de Benfica, foram construídas umas torres enormes, cujas vistas eram, precisamente, para os becos e ruas estreitas onde estas pessoas viviam. Por isso, sempre que algum dos habitantes das torres se chegava às janelas, o seu olhar aterrava nas mulheres que vendiam milho para cachupa, ou mandioca, ou maçarocas grelhadas num pequeno fogareiro a carvão, sentadas à porta das suas barracas.

Ou aterravam, os olhares dos habitantes das grandes torres, nas crianças ciganas, descalças, que

saltavam em alvoroço em redor das mães, ou nos homens que se encostavam às paredes das casas, em tronco nu, quando era Verão. Troncos morenos e peludos, alguns tatuados, e quase sempre com um fio de ouro grosso, de onde pendia um crucifixo.

Pelas noites, as vistas eram as dos carros de alta cilindrada que entravam e saíam, muito rapidamente, talvez com receio das luzes azuis dos carros da polícia que se postavam nas entradas do bairro, sem se atreverem a avançar, a não ser quando escoltados por outras luzes azuis, mais potentes: as das carrinhas do corpo de intervenção.

Porém, não é só à devassa por parte dos moradores dos prédios em volta que os habitantes do bairro estão habituados.

É a devassa por parte dos funcionários da empresa municipal que gere as habitações sociais.

É a devassa por parte das assistentes sociais, nas suas visitas domiciliárias.

É a devassa por parte da polícia: dos habituais, da PSP, e a dos outros, os da Judiciária, quando suspeitam de negócios mais complicados, sobretudo agora, com a chegada dos árabes e dos paquistaneses.

É a devassa dos jornalistas, sempre a farejar o sangue e, afinal, sangue é algo comum, nas ruas do bairro.

É a devassa dos políticos, sempre que há eleições: eles de camisa desabotoada e casaco azul escuro, sem gravata, para dar uma aparência informal, elas equilibrando-se em saltos altos e espantando-se ante as condições terríveis em que vivem «aquelas pessoas».

E porque não há direito de «aquelas pessoas» viverem assim, lá vão eles, carregando, debaixo do braço, os cadernos de reivindicações, preparados pela comissão de moradores, espalhando beijinhos às

crianças ou às mulheres mais velhas e apertos de mão aos homens, estrategicamente aplicados, os beijinhos e apertos de mão, quando as câmaras de televisão estão a filmar, ao mesmo tempo que prometem que, agora sim, agora é que tudo vai mudar e o bairro vai ter as condições dignas a que «aquelas pessoas» têm direito.

E depois seguem, apressados, limpando as mãos aos bolsos das calças e refrescando o rosto com toalhetes perfumados, em comitiva, para visitarem outro qualquer bairro com pessoas «daquelas», que não há direito que vivam assim, ao mesmo tempo que os seus cérebros ilustrados fervilham de ideias prometedoras para a erradicação da pobreza.

© Sibila Publicações